

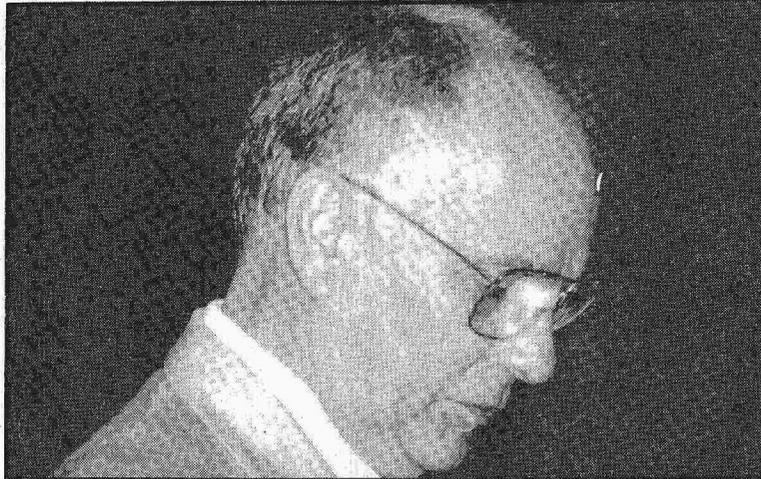
A defesa para que o Pólo não seja um ponto de elite

Nos bastidores das muitas reuniões do *Grupo Executivo do Pólo de Cinema e Vídeo*, uma discussão correu firme e alimentou certa polarização: a UnB deve ser o organismo responsável pela *Escola do Pólo* ou seria criada uma *Escola Técnica* (a nível de segundo grau) para formar mão-de-obra?

O cineasta Vladimir Carvalho, professor da UnB, apoiado em Nelson Pereira dos Santos, defendeu a retomada do fio histórico do curso de cinema na UnB (criado por Paulo Emílio, no início da década de 60, e fechado, em 1970). Outros, como Márcio Curi, montador de *Meteorango Kid*, o *Herói Intergaláctico*, e diretor de *A TV Que Virou Estrela de Cinema*, defenderam a criação de uma escola técnica com argumento considerável: "Na Universidade só ingressam os que passam pelos rigores do vestibular. O cinema em Brasília precisa de técnicos de nível médio, como maquinistas, foquistas, operadores de câmera, etc. A opção pela UnB pode, portanto, elitizar o acesso ao cinema, na cidade".

Na tarde da última quinta-feira, Vladimir Carvalho jogou por terra os temores de que o *Pólo* se agregasse à UnB num projeto elitista. Acompanhado de José d'Arrochela, diretor do CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa), ele expôs convênio nascido de sugestão da *Comissão de Mão-de-Obra*, que ele integrou dentro do fórum de discussões promovido pelo Grupo de Trabalho: "A Universidade de Brasília preparou *Protocolo de Intenções* onde se compromete a fazer a coordenação e supervisão dos cursos do *Pólo de Cinema e Vídeo*, desde que haja reciprocidade, ou seja, apoio ao curso já existente (de nível superior). Acertada esta premissa, a UnB se responsabilizará pela supervisão de cursos técnicos para formação de mão-de-obra de nível médio (teletricista, maquinista, figurinistas, operadores de câmera, foquistas), em parceria com instituições como o Senai, Ceteb, entre outros.

O *Protocolo de Intenções* da UnB vai



Nelson volta à UnB com planos para A Terceira Margem do Rio

mais longe: "Nos propomos", anuncia Vladimir, "a fomentar o aproveitamento social do menor, ou seja, atender a menores carentes como aprendizes em nossas oficinas. Conosco eles conhecerão o universo do cinema, atuando como *boy* e se familiarizando com a técnica do audiovisual. E farão carreira como técnicos, seja na fotografia, cenografia, figurinos, produção ou direção".

No quarto e último item; o *Protocolo* busca inspiração na Escola Internacional de Cinema e Vídeo de San Antonio de Los Baños (nos arredores de Havana) e propõe ateliês livres, como os criados e ministrados por Gabriel Garcia Marques e Fernando Birri. "Nosso propósito", explica Vladimir, "é promover oficinas, seminários e cursos livres periódicos com grandes roteiristas, fotógrafos, cenógrafos, etc, tendo profissionais interessados em aperfeiçoamento e reciclagem como a clientela básica".

Clube do Servidor — Superada a questão da escola (se de segundo grau ou superior), surge nova polêmica no seio do *GT do Pólo de Cinema e Vídeo*: a sede provisória do empreendimento ("uma ação governamental não-

estatizante").

José Roberto Arruda, que na qualidade de chefe do Gabinete Civil comandou o *GT do Pólo*, está — como Márcio Cotrim — entusiasmado com a possibilidade de instalar o complexo audiovisual brasileiro no Clube do Servidor Civil (presente que o Governo Geisel deu aos servidores públicos, em 28 de outubro de 1976). "Temos que enxergar grande", pondera, ainda tomado pela euforia da reunião final do *GT do Pólo*. "Brasília não pode pensar pequeno. Se podemos instalar o Pólo no Clube do Servidor, espaço que agradou bastante a um grupo de cineastas (Nelson Pereira, Vladimir Carvalho, Fernando Duarte, Roberto Pires e João Ramiro de Mello), por que não fazê-lo? O máximo de *incômodo* (risos) que um frequentador do clube poderá enfrentar é, ao sair da piscina, deparar-se com uma atriz do filme de Nelson Pereira dos Santos". Será, pergunta Arruda, "que os servidores não ficarão satisfeitos em poder tomar, além de um banho de piscina, um banho de cultura"?

Vladimir Carvalho, ativo militante das causas populares em Brasília, é mais

cauteloso. "Visitei o clube com vários colegas e ficamos entusiasmados com suas instalações e espaços. Nelson chegou até a aventar a possibilidade de transformar as margens do Lago na terceira margem do rio, tema de seu novo filme. Mas, ao mesmo tempo, soubemos que o Clube do Servidor Civil está em litígio judicial". Daí, indaga, "será bom para nós iniciarmos o Pólo numa sede que poderá ser reivindicada pelos sindicatos dos servidores públicos (tanto o distrital quanto o federal), ambos muito combativos"?

O autor de *Conterrâneos Velhos de Guerra* deixou sua dúvida no ar. Arruda, otimista, prometeu analisar, em detalhe, o assunto, mas ponderou: "Não será esta dificuldade que atrapalhará nosso projeto, pois ele é muito maior do que muitos imaginam".

Orçamento — O anúncio (feito por Roberto Arruda) que mais entusiasmo causou à reunião se referiu a cifras. O chefe do Gabinete Civil assegurou (respaldado na concordância de Paulo Victor, secretário de Planejamento, e Vasco Ervilha, presidente do BRB) que serão liberados US\$ 3 milhões ainda no correr deste ano e US\$ 5 milhões, em 92, para ativar as primeiras produções do *Pólo de Cinema e Vídeo*. Tais recursos virão do Fundef (Fundo de Desenvolvimento do DF), pois, assegurou Arruda, "este organismo se presta ao fomento das indústrias de Brasília e a indústria do audiovisual está inserida na era Alvin Toffler (teórico da Terceira Onda), ou seja, não polui, gera recursos e subprodutos importantes como o turismo".

Arruda encarregou o secretário Márcio Cotrim, o cineasta Vladimir Carvalho e o fotógrafo Fernando Duarte de ajudarem o diretor administrativo e financeiro da Terracap, Márcio Botti, a estudarem (dentro das regras fundiárias e de preservação do DF) o terreno ideal para sediar a Cidade Cenográfica de Brasília (tudo indica que o local escolhido ficará nos arredores de Sobradinho). (M. R. C.)